



A FORMAÇÃO SIMBÓLICA EM “O MÁGICO DE OZ”

BRUNO, Pires Silveira¹, YASMIN, Oliveira Costa¹. CRISTIANA, Rezende Gonçalves Caneda².

¹Acadêmico (a) do Curso de Psicologia. UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL, Campus de Santa Maria. brunopsilveira@outlook.com; heyasmin@gmail.com

²Docente do Curso de Psicologia. ULBRA.

RESUMO:

A função paterna é a que separa mãe e bebê para poder dar as bases da simbolização, pelo início das relações triangulares, ou a base do pensamento simbólico. No seu processo de estruturação e fundamentação do desejo de ter, ser e saber, o ser humano passa de objeto a sujeito quando vivencia o seu complexo de Édipo, onde substitui o objeto perdido por outro. O símbolo é uma pulsão representativa, simbolizar é sentir a perda e os contos de fadas possibilitam perspectivas de compreensão que abrangem as questões que tocam no campo do simbólico e da subjetividade infantil. Sendo assim, procuramos promover uma reflexão sobre a articulação da simbologia que permite dar sentido as angústias ligadas ao desenvolver-se na infância utilizando a formação simbólica do sujeito encontrada na obra “O Mágico de Oz”, conto de L. Frank Baum, e também na icônica versão produzida para os cinemas em 1939. Desta forma, a revisão de bibliografia utiliza a literatura infantil como referência a questões inconscientes que constituem um importante instrumento no espaço psicanalítico de tratamento. As histórias infantis como referências simbólicas a questões inconscientes constituem um importante instrumento durante o período edípico e a angústia da castração, sendo, portanto, fundamentais para a estruturação da personalidade e fundamentação do desejo de ter, ser e saber. O Mágico de Oz constitui-se como um conto clássico de acordo com as situações realistas e mundanas, suas problemáticas e sua sequência de cenários e situações fantásticas fundamentais pelo significado simbólico atribuídos pela criança. A simbologia da função paterna representada na história possibilita que Dorothy possa lidar com suas questões inconscientes. O amadurecimento está em retirarmos a projeção mágica e infantil do nosso poder pessoal de outro e assumirmos a responsabilidade por nossas vitórias e fracassos.

Palavras-chave: Infância, Literatura, Simbologia, Clínica.



INTRODUÇÃO

A função paterna é a que separa mãe e bebê para poder dar as bases da simbolização, pelo início das relações triangulares, ou a base do pensamento simbólico. No seu processo de estruturação e fundamentação do desejo de ter, ser e saber, o ser humano passa de objeto a sujeito quando vivencia o seu complexo de Édipo, onde substitui o objeto perdido por outro.

O símbolo é uma pulsão representativa, simbolizar é sentir a perda e os contos de fadas possibilitam perspectivas de compreensão que abrangem as questões que tocam no campo do simbólico e da subjetividade infantil. Sendo assim, procuramos promover uma reflexão sobre a articulação da simbologia que permite dar sentido as angústias ligadas ao desenvolver-se na infância utilizando a formação simbólica do sujeito encontrada na obra “O Mágico de Oz”, conto de 1900 do escritor Lyman Frank Baume também na icônica versão produzida para os cinemas em 1939 pela Metro-Goldwyn-Mayer.

Desta forma, a revisão de bibliografia utiliza a literatura infantil como referência a questões inconscientes que constituem um importante instrumento no espaço psicanalítico de tratamento. As histórias infantis como referências simbólicas a questões inconscientes constituem um importante instrumento durante o período edípico e a angústia da castração, sendo, portanto, fundamentais para a estruturação da personalidade e fundamentação do desejo de ter, ser e saber.

DISCUSSÃO

O conto *O Mágico de Oz* constitui-se como um conto clássico de acordo com as situações realistas e mundanas, suas problemáticas e sua sequência de cenários e situações fantásticas fundamentais pelo significado simbólico atribuído pela criança. Dorothy Gale, a personagem principal, que vive com sua tia Em e o tio Henry em uma pequena fazenda do cinzento Kansas, um local árduo, desprovido de cor (CORSO & CORSO, 2006). Os cenários se alternam quando um ciclone acaba levando-a para o Mundo Mágico de Oz (BAUM, 2013). A estrutura tradicional do conto maravilhoso que abrange, com seu início simples e real e o mundano associado a uma problemática é o que garante *O Mágico de Oz* a qualidade um conto clássico (BETTELHEIM, 1979). Dorothy destoava do ambiente cinzento em que



morava, pois gostava de brincadeiras, achando graça das coisas com sua voz alegre (MARTINS, 2008). Tanto o escritor criativo como a criança que tem no ato do brincar, a construção de um mundo de fantasia levados a sério, com grande carga de afeto. Ao brincar, constrói-se para si o mundo conforme as particularidades ao seu agrado, numa nova ordem das coisas (FREUD, 2015).

Um forte ciclone levará a casa e Dorothy, juntamente com seu cãozinho Totó, pelos ares. Após algumas horas de rodopios, a heroína foi perdendo o medo, com o balançar da casa e o barulho do vento levaram Dorothy a adormecer (BAUM, 2013). Os cenários seguintes do conto abrangem situações fantásticas conforme o significado simbólico que Dorothy atribui a certos acontecimentos reais, conforme o conto auxilia a criança apresentando de forma sutil e clara, podendo-se se dizer que os contos de fadas juntamente com a história real mantém a personalidade racional e emocional da criança (MARTINS, 2008).

A simbologia da função paterna representada na história possibilita que Dorothy possa lidar com suas questões inconscientes. Há uma retirada das projeções mágicas que a personagem faz em pessoas mais velhas e com posições de poder. O amadurecimento está em retirarmos a projeção mágica e infantil do nosso poder pessoal de outro e assumirmos a responsabilidade por nossas vitórias e fracassos.

A descoberta das fraquezas do poderoso Oz, que não possui poderes sobre as bruxas, sustentando a sua posição de mentiroso a fim de manter maiores poderes naquele mundo. Era através de Oz que Dorothy sustentava esperanças a fim de solucionar suas questões, contudo terá a própria personagem que buscar resoluções de como lidar com a Bruxa Malvada do Oeste buscar o caminho de volta. (CORSO & CORSO, 2006).

Dorothy tem o tempo todo o meio de alcançar a conjunção com seu objeto valor, embora não saiba. Ela só virá, a saber, e, com isso, *poder* voltar para casa, em razão da jornada por ela empreendida com seus companheiros. Nesse sentido, Susan Rahn também observa um fato interessante trazido pela narrativa a respeito da protagonista:

[...] Pode ser que não se note que a própria Dorothy possui as três qualidades essenciais [inteligência, um coração amoroso e coragem]. Sua habilidade de se adaptar a condições desconhecidas é uma boa evidência de sua inteligência. Seu amor por Totó fica



claro quando ela se arriscar a morrer para salvá-lo do ciclone e do Leão, e ao resgatar o Espantalho mostra-se que ela é gentil até mesmo com estranhos. Sua vontade de enfrentar, sozinha, os perigos desconhecidos de sua jornada demonstram que ela também possui coragem(RAHN, 1998, pp. 60- 1).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fato de somente descobrir no final que os sapatos poderiam levar Dorothy de volta para a fazenda com seus tios mostra que muitas vezes a solução de conflitos e problemas está em nossas mãos o tempo todo, mas que antes de poder alcançá-la devemos percorrer um caminho de amadurecimento. Uma vez que saber a solução antes da hora pode atrasar o desenvolvimento e aprendizagem do mesmo. Dorothy é o centro da história, sendo uma heroína conforme a sua conquista em superar suas limitações históricas, locais, pessoais, atingindo formas humanas (CAMPBELL, 2007). Por essa razão é que não se deve atribuir tempo cronológico em um processo de psicoterapia, tudo deve ocorrer ao seu tempo – “O tempo do inconsciente” como diz Freud, e o terapeuta deverá ter a sensibilidade para saber a hora correta de apontar a solução e a saída do conflito. A história termina com a menina acordando ao lado dos tios, reconhecendo nos amigos as figuras do espantalho, do leão, do homem de lata e conclui que: "Não há lugar como a nossa casa". Quando substituímos, simbolizamos e então amadurecemos. Para Martins (2008), a harmonia consigo mesma e com o universo, sendo a nova casa construída pelos tios, envolve uma forma de simbolizar uma nova vida após um percurso de amadurecimento, uma nova perspectiva da heroína Dorothy sobre sua realidade.

REFERÊNCIAS

BAUM, Lyman Frank. **O Mágico de Oz**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.



CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no Divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREUD, S. **Obras completas volume 8 O delírio e os sonhos na *Gradiva*, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MARTINS, Anna Faedrich. O percurso heróico de Dorothy. **Letrônicav.1**, n.1, p.174 – 186, dezembro 2008.

O MÁGICO DE OZ. Direção: Victor Fleming. Produção: Mervyn LeRoy. Intérpretes: Judy Garland; Frank Morgan; Ray Bolger; Beth Lahr; Jack Haley; Billie Burke; Margareth Hamilton; Charley Grapewin. Roteiro: Noel Langley; Florence Ryerson; Edgar Allan Woolf. Metro-Goldwyn-Mayer, 1939.

RAHN, Susan. **The Wizard of Oz: Shaping an Imaginary World**. Nova York: Twayne Publishers, 1998.